

FESTA DE DEVOÇÃO A SANTA RITA DE CÁSSIA EM VIÇOSA*

Josimar Faria Duarte**



Resumo: o objetivo deste artigo é analisar as memórias e identidades regionais construídas nas práticas de devoção à Santa Rita de Cássia, na cidade mineira de Viçosa. Em geral, nos dias próximos a 22 de maio, a população dessa cidade se reúne em festas. Esse ritual se repete por vários anos e constitui-se como local importante para pensarmos às relações sociais sob uma dupla modulação, a de agregação, ou seja, de estar junto, e a da memória coletiva, de criar fabulas, desejos e sentimentos de identidade. Assim sendo, essa é um momento de construção de um sentimento de pertencimento a cultura local, na qual os grupos religiosos e leigos que planejam a realização da mesma visam construir uma “imagem áudio-visual-viçosense”, vinculando Santa Rita de Cássia à cultura popular regional.

Palavras-chave: Festas. Memórias. Identidades. Santa Rita. Viçosa/MG.

FEAST OF DEVOTION THE SANTA RITA OF CÁSSIA IN VIÇOSA

Abstract: *the purpose of this article is to analyze the memories and regional identities built in the practices of devotion to Santa Rita de Cássia, in the city of Viçosa. In general, in the days leading up to May 22, the population of this city meets at parties. This ritual is repeated for several years and is an important place to think about social relations under a double modulation, that of aggregation, that is, of being together, and that of the collective memory, of creating fables, desires and feelings of identity. Thus, this is a moment of construction of a sense of belonging to a local culture, in which the religious and lay groups that plan the realization of the same aim to build an “audio-visual-viçosense” image, linking Santa Rita de Cássia to culture popular regional.*

Keywords: Parties. Memoirs. Identities. Santa Rita. Viçosa/MG.

* Recebido em: 21.09.2017. Aprovado em: 12.03.2018.

** Doutorando em História Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista CAPES.

E-mail: josimar.duarte@ufv.br



No artigo em tela pretende-se analisar as memórias e identidades regionais construídas nas práticas culturais em louvor à italiana Margherita Lotti, ou Santa Rita de Cássia, na cidade de Viçosa, em Minas Gerais. Neste município, anualmente celebram-se as famosíssimas festas da Santa, com pomposas missas, celebradas por vários padres; procissões, cheias de alegorias e fogos de artifícios; paga de promessas, com recepção de estigmas; manifestações folclóricas, animadas por muito forró; e parque de diversões, com barracas de venda de bebidas e comidas regionais.

Tendo início no dia 13 de maio, com a chegada da bandeira da Santa a paróquia, as comemorações em homenagem a Rita de Cássia se prolongam durante todos os dias, com novenário rezado à noite na igreja matriz, até o dia 22 de maio, quando, finalmente, a Santa italiana, encarnada em uma imagem portuguesa de 120 cm, em cedro policromado, centralizada em altar, de vinte e sete palmos de comprimento, ornamentado por muitas flores, delfins e anjos, sai pelo pátio lateral da igreja matriz, puxado por um trator, sendo recepcionado pelos fiéis com forte aplauso, badalares de sinos, estouros de fogos, chuvas de balões brancos e pétalas de flores. Em seguida, alguns seminaristas dispõem à cruz do clero e os membros do Apostolado da Oração à bandeira da ordem terceira, que são seguidas pelos devotos, que formam duas filas. No centro, policiais militares e membros do quarto batalhão do Tiro de Guerra da região posicionam-se para conduzirem o luxuoso e pesado andor da Santa, que naquele momento é cercado pelas autoridades civis (prefeito e vereadores) e eclesiásticas (padres e freiras) do lugar. Seguindo-os, é posicionada a banda de música. Assim, a procissão sai pelas ruas da cidade, que receberam da câmara municipal patrocínios para limpeza, pintura de tapetes e ornamentação das fachadas.

Nas ruas, iluminadas por velas e enfeitadas por arcos e tapetes, os devotos, vestidos por luxuosos trajes, seguem em filas e manifestam-se por aplausos, rezas e cânticos. O clima é de intensa comoção. Ao ponto de alguns fiéis chegarem às lágrimas e/ou prostrarem-se de joelhos diante da alegoria da Santa. Despontam no meio desses, algumas mulheres, entre crianças de colos e senhoras idosas, oriundas de várias partes do município, que ao invés das roupas usadas nas missas de domingos, se ornamentaram semelhantes à Santa Rita. Meticulosamente os traços das representações são feitas por aquelas que vão se vestir ou vestir suas crianças iguais à padroeira. O hábito preto é colocado, nas mãos o crucifixo, na cintura o terço e as marcas das chagas são feitas por batons vermelhos.

Muitos dos que não estão nessa multidão, posicionam-se nas sacadas de suas casas e esperam pela passagem da Santa, que segue até a Câmara, onde as autoridades civis estouraram fogos e lançam sobre o andor chuvas de pétalas de rosas.

Após longo cortejo pelas ruas da cidade, a imagem da padroeira chega ao pátio da igreja Matriz. Nesse momento, a imagem é retirada do luxuoso andor e entregue ao “bispo”, que beija os pés da mesma e a oferece aos demais eclesiásticos, que repetem o ato, e por fim a posicionam em altares floridos montados sobre os palcos. Após isso, iniciam-se missas festivas, celebradas por muitos padres.

Esse ritual de homenagear Santa Rita de Cássia tem se repetido por vários anos e constitui-se como local importante para pensarmos às relações sociais sob uma dupla modulação, a de agregação, ou seja, de estar junto, e a da memória coletiva, de criar fábulas, desejos e sentimentos de identidade. Sendo assim, é um momento de construção de um sentimento de pertencimento a cultura local, na qual os grupos religiosos e laicos que planejam a realização da mesma visam construir uma “imagem áudio-visual-viçosense”, vinculando Santa Rita de Cássia à cultura popular regional.

Portanto, cabe perguntar: a festa de Santa Rita de Cássia se constitui como registro de uma época? Pode ser vista como lugar de memória, na qual podemos ter contato com as práticas sociais e representações culturais que se processam no seio da sociedade, em seu tempo e espaço? Como a festa aparece na memória coletiva da população de Viçosa? São estas questões que procurarei abordar neste texto.

Nosso texto dividiu-se em quatro partes. Primeiro, será apresentada as fontes documentais levantadas pela pesquisa. Em seguida, uma discussão teórico-conceitual. Na terceira parte mostraremos os resultados da pesquisa, com descrição de dados que foram coletados em dois momentos. Os resultados alcançados no projeto serão expostos nas considerações finais.



MATERIAL E MÉTODOS

As Fontes de Estudos

Para a realização deste artigo utilizamos três instrumentos de pesquisas. O primeiro foi o levantamento de fontes escritas referentes às festas no Arquivo Paroquial de Santa de Santa Rita de Cássia, em Viçosa/MG. O segundo foi à etnográfica, em que a partir de observação e descrição da festa (no qual o olhar, o ouvir e o escrever proporcionam o encontro entre os saberes teóricos e práticos), pôde-se registrar dados importantes de como acontece às homenagens a Santa. Já o terceiro foi a realização de entrevistas abertas e em profundidades.

Mensagem Cristã

No Arquivo Paroquial de Santa Rita de Cássia, o maior número de fontes escritas que julgamos adequadas para traçarmos as memórias das festas da Santa consistiram na coleção de edições do jornal paroquial *Mensagem cristã*, construídos e divulgado na cidade entre os anos 1960 e 1990. Trata-se, pois, de um periódico religioso bimestral dirigido aos paroquianos, com abordagens de cunho informativo, jornalístico e de entretenimento sobre a liturgia da paróquia.

O jornal que nos referimos foi idealizado em 1960 pelo pároco Carlos Baeta Braga, enquanto forma de prestar contas de sua administração e informar seus paroquianos sobre a doutrina cristã católica. Impresso em papel mache, na dimensão 275 mm de altura e 208 mm de largura, com aproximadamente oito páginas, sendo encadernada em costura sólida com aproximadamente um mm de espessura. Por ser uma publicação periódica destinada a promover a circulação de ideias, pode ser classificada como integrante do que em arquivística denominam-se acervos públicos.

As edições do jornal, por sua vez, são organizadas em aproximadamente 15 seções, entre fixas e diversificadas, e ocupam entre menos de meia página até uma lauda. Tais seções são organizadas em grupos classificados em: a) Capa, como mensagem do pároco a comunidade; b) Relatório financeiro, com prestação de contas dos gastos paroquiais; c) Obras paroquiais, descrevendo as construções feitas, sempre com pedido de doações; d) Atividades da Paroquia, com programação dos principais eventos a ser realizados naquele bimestre; e) Proclames matrimoniais; f) Liturgia do Mês; g) Aconteceu, com reportagens sobre os principais eventos realizados pela paróquia. O jornal também disponibilizava espaços para que os leitores expressem suas opiniões.

Desse modo, as edições desse jornal são importantes fontes de pesquisas, passíveis de seriação e quantificação, que nos permite evidenciar “as forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. *É a desnaturalização de nosso mundo que faz aparecer à noção*” (NORA, 1993, p. 13). Neste sentido, procuramos, por meio das edições desses periódicos, indícios que circunscreve a capilaridade do poder, nos “[...] rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza [...] sinais de reconhecimento e de pertencimento de um grupo numa sociedade” (NORA, 1993, p. 13). Focalizamos no material empírico as manifestações de sistemas simbólicos que visam impor e legitimar as diferenças sociais (PEDRO, 1994).

Neste sentido, as atividades laboratoriais realizadas envolveram leituras totais das edições, transcrições e fichamentos, o que resultou em separação das informações por similitude e contrastes. Para análise detalhada do conteúdo dessa documentação, segmentamos a coleta de dado em dois momentos. Primeiramente, pontuamos o conteúdo escrito dos documentos conforme o tipo de reportagem. Posteriormente, analisamos as fotografias que estampavam as edições, transformando as imagens em textos. A partir da descrição da cena de forma segmentada, observamos a forma de retratar o ambiente físico, as roupas, a posição dos corpos, os gestos e expressões fisionômicas dos modelos, bem como as cores usadas na composição da cena.

Os dados coletados foram interpretados com base no modelo teórico de representações de Chartier (1990, p. 17), que chama a atenção para a necessidade, justamente, de “[...] identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada,



dada a ler”. Assim, as representações do mundo social são formulações mentais construídas por grupos com bases nas atitudes e vivências coletivas, sendo para os pesquisadores meios para se captar as visões de mundo, de determinados agentes, em momentos históricos específicos. Desse modo, é necessário identificar,

[...] as classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoantes as classes sociais ou os meios intelectuais são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado (CHARTIER, 1990, p. 17).

Cabe, portanto, salientarmos a importância de se perceber que “as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam” (CHARTIER, 1990, p. 17). Logo, as representações são formulações referentes aos segmentos sociais construídas por grupos específicos, que visam produzir consensos e controlar as relações sociais estabelecidas em determinados territórios, forjando relações de contenções ou de mitigação do poder.

Apropriando-nos desse arcabouço teórico-metodológico de representações, interpretamos o conteúdo do “O mensageiro cristão” enquanto construções da equipe editorial. Para tanto, nosso desafio foi fazer com que essa fonte não fossem tratadas como exemplares de um contexto, mas como campo de análise, em que “cada sistema de disposições individuais é uma variante estrutural dos demais [...], o estilo pessoal não é senão um desvio em relação ao estilo próprio de uma época ou de uma classe” (LEVI, 2002, p. 174).

Partindo-se dessa constatação, portanto, inicia-se um primeiro debate sobre as possibilidades metodológicas dos usos de exemplares desse periódico enquanto fontes para uma investigação científica que visa discorrer sobre o lugar da memória e da identidade na festa de Santa Rita de Cássia. As perguntas são inúmeras, tais como: Estas são fontes confiáveis? Estamos aptos a lidarmos com tais fontes? Como lê-las sem “comprar” os discursos que as construíram enquanto verdades essenciais? Embora delinear essas respostas não seja tarefa simples, podemos assinalar de imediato que elas são fontes valiosas para termos uma dimensão importante da vida social e dos processos sociais (MENESES, 2003). Desde que os saberes articulados, construídos nas edições enquanto realidades, não sejam tratadas para comprovar fatos e verdades, mas, com possibilidades de percebermos em nível arqueológico que “cada luta se desenvolve em torno de um foco de poder” (FOUCAULT, 1992, p. 75). É, pois, essa a responsabilidade social de nosso ofício: Dar voz aos excluídos e marginalizados sociais. “Falar deles publicamente é uma luta, não porque ninguém ainda tinha tido consciência disto, mas porque falar a esse respeito [...] é um primeiro passo para outras lutas contra o poder” (FOUCAULT, 1992, p. 76). Tarefa, essa, que requer alguns cuidados minuciosos e críticos das fontes. Por isso, devemos refletir brevemente sobre as possibilidades de um conhecimento construído a partir da imprensa periódica.

Como se sabe, jornais são publicações de cunho informativo, jornalístico ou de entretenimento, publicadas em intervalos regulares de tempo. No Brasil, até a década de 1970 as pesquisas que se utilizavam desse material eram escassas. Isso, porque, o rigor da ciência metódica de Gabriel Monod, que dominava o cenário acadêmico, considerava como fontes de sustentação científicas somente documentos escritos em que foram registrados os acontecimentos políticos e militares. Desse modo, um conhecimento feito a partir de revistas não era visto como legítimo. No entanto, havia vários estudos em História da Imprensa que abordavam o papel dos jornais na vida cívica (LUCA, 2005).

Foi somente nos anos de 1980, com o lançamento da *Faire de l’histoire*, pela tradução da obra *La Nouvelle Histoire* organizada por Le Goff e Nore, que a imprensa periódica passou a ser entendida enquanto ferramenta que possibilita termos contatos com as práticas sociais e representações culturais que se processam no tempo e no espaço. Sem haver a necessidade da triagem de documentos para validar hipótese, pois através da leitura de rastros e fragmentos deixados nesses documentos podemos identificar as marcas da ação do homem, ainda que de modo sutil.



Assim, podemos dimensionar a relevância do jornal *Mensagem cristã* como fonte para pensarmos as festas como experiências vividas, documentos, símbolos do patrimônio material e imaterial da sociedade que tornar memoráveis lugares sociais.

Neste sentido, Cândido (1992) nos informa que os meios de comunicações impressos estimulam coletivamente a recalescência de modelos hegemônicos. As conclusões sobre o poder que estes têm nas relações de força que se estabelecem em determinado território. No caso do jornal é necessário pensar a equipe editorial, os autores, a classe social a qual se dirige e o contexto histórico. Além disso, é necessário pensar o vocabulário, os meios pelo qual são divulgadas as mensagens, e também como essas são apropriadas pelos leitores, para se compreender que os artigos, além de informar, participam ativamente da realidade de seus receptores, gerando um contínuo diálogo social. Isso exigiu um segundo momento de nossa pesquisa, em que buscamos entender autor e leitor de modo dialógico. Em outras palavras, conceber como as representações construídas e veiculadas pela Igreja foram apropriados pelos devotos da Santa. Para tal, fizemos um estudo etnográfico e algumas entrevistas com devotos.

Pesquisa Etnográfica

Recentemente, as festas religiosas têm sido abordadas enquanto campo de investigação histórica, transcendendo sua visibilidade e revelando crenças e vivências demarcadas por um tempo e uma identidade coletiva. Elas são momentos de celebração, de rompimento do ritmo monótono do cotidiano, construídos a partir das relações humanas e das relações indenitárias que produzem significados. Por tal motivo, optamos, como metodologia, por realizarmos uma etnografia sobre a festa de Santa Rita de Cássia.

Enquanto método qualitativo, a etnografia consiste no estudo do objeto pela vivência direta da realidade em que se insere. Em suas técnicas inclui-se práticas de observação direta, para melhor reconhecermos as ações e as representações coletivas de certa sociedade. Isso, faz com que o pesquisador se engaje em uma experiência de percepção de contraste sociais, culturais e histórico (LÉVI-STRAUSS, 1974). Sabendo-se disso, nosso trabalho de campo envolveu a participação na festa de Santa Rita, durante os anos de 2009 até 2015.

Em geral, a festa de Santa Rita inicia-se na primeira semana de maio. Segui para a “abertura” da festa da padroeira, que durou até 22 de maio. Nesse momento, ainda na parada dos ônibus intermunicipais, esperando um transporte coletivo para chegar até a praça Silviano Brandão, encontrei uma jovem senhora com uma garotinha e mais algumas pessoas que também seguiam em direção a abertura da festa, mas não com objetivo de observar, mas sim de sentir, viver, adorar. Ao observar o início da festa da padroeira de Viçosa, acontecido às 16h, em 22 de maio, vislumbrei uma relação estreita e paradoxal. Atentei para as relações existentes entre o mito e o rito – relação que, conforme Peirano (2000, p. 6), “marca uma antinomia inerente à condição humana entre duas sujeições inelutáveis: a do viver e a do pensar”. Inegavelmente, mito e rito são categorias de grande importância na vida humana, já que orientam ações, esquemas de pensamento e sensações. Os indivíduos que contam histórias sobre a santa são os mesmos que participam mais ativamente da festa.

A festa foi organizada pelas comissões que se reuniam nas pastorais da igreja antes da sua efetivação. Essas pastorais recebiam da população, principalmente dos mais ricos, “dádivas” em dinheiro, animais, alimentos e bens que serviam para organizar as barracas e os leilões. Participavam das comissões principalmente os que já desenvolviam alguma atividade no interior da paróquia. Observei uma grande quantidade de pessoas presentes nesse momento de “abertura”, com a grande maioria comportando-se de maneira um tanto quanto eufórica, estando no início de um momento bastante esperado durante todo o ano. Uma grande parcela da população veio caminhando das comunidades até a matriz com o estandarte da santa, simbolizando o momento de “abertura” da festa. O céu ficou repleto de fogos. Um carro de som tocava o canto da padroeira e acompanhava a multidão.

Foi desse modo, que percebi que essa festa não era e não é apenas um evento, mas, sim, o evento, pois ganhava notório destaque. Isto é perceptível através do que os interlocutores dizem da festa, até mesmo pela expectativa que se tem sobre a realização. Essa expectativa tornou-se perceptível nas visitas e conversas que realizei com os interlocutores antes do momento da festa.



Foi desse modo, portanto, que utilizamos a pesquisa etnográfica (MALINOWSKI, 1976), onde a partir de observação e descrição da festa (no qual o olhar, o ouvir e o escrever proporcionam o encontro entre os saberes teóricos e práticos), pudemos registrar dados importantes de como acontece às homenagens a Santa Rita. Posteriormente, utilizamos de entrevistas abertas e em profundidades. Estas foram feitas com devotas da Santa. Usamos um roteiro de perguntas, utilizando a técnica de “história de vida”, no qual a partir das experiências dos sujeitos procura-se entender o fenômeno social.

As Entrevistas

Também utilizamos como fontes de sustentação empírica depoimentos orais gravados com 28 mulheres, entre os dias 20 e 22 de maio do ano de 2010, 2011 e 2012. Usamos como critério para a escolha das mulheres estarem nas comemorações do Jubileu de Santa Rita e se chamarem Rita de Cássia da cidade de Viçosa, MG. Com uma população de aproximadamente 72.244 habitantes, tal cidade ocupa lugar de destaque no Estado de Minas Gerais pela qualidade do ensino superior. O que atrai para o município, principalmente pessoas jovens, que durante várias épocas do ano se instalam em moradas improvisadas, como repúblicas e alojamentos estudantis. Também se sabe que é esse trânsito de pessoas que movimenta a economia do município. Empresas como academias de ginásticas, faculdades, escolas, imobiliárias, restaurantes, bares e similares, são organizadas para atender essa especificidade, visto que no período de recesso escolar é notória a queda na economia do município.

Para termos acesso as voluntárias para essa pesquisa foi necessária à intervenção de pessoas que trabalhavam na secretaria paroquial da igreja, que nos indicou 51 possíveis participantes e viabilizou seus contatos. Um primeiro contato foi feito por telefone, explicando os pontos principais e as convidando a partir da pesquisa. Algumas se recusaram, enquanto 28 aceitaram e marcaram horários para realização das gravações, que foram feitas no período de julho e outubro de 2015, na recepção da referida igreja. Consistia na resposta oral de dois tipos de perguntas: Primeiro, 1) sobre seu *status* social, indicando cor, altura, peso, profissão etc.; depois 2) seus relatos sobre a participação nas festas da Santa.

Dos participantes, a idade encontra-se no intervalo entre 18 e 31 anos. Em relação ao tom de pele 23,8 % (5) das entrevistadas declaram-se brancas, 33,3% (7) negras e 42,9 % (9) pardas. O estado civil era de 90,5 % (19) de solteiras e 9,5% (2) casadas. A escolaridade corresponde a 14,2 % (3) com ensino médio; 28,5% (6) ensino superior completo; e demais 52,3% (11) superior incompleto. Profissionalmente 62,1% (13) eram estudantes universitárias, 14,2 % (3) autônomas; 4,7% (1) funcionárias públicas e 19 % (4) não declaram vínculo. 38% (8) declaram residir com a família (9,5%) (2) com mãe e irmãos; 9,5% (2) com marido e 19,0% (4) com pais e irmãos; 4,7% (1) sozinhas, 14,2% (3) alojamento estudantil público universitário e os demais 47,8 (9) em repúblicas particulares. As rendas declaradas estão dentro do intervalo entre R\$400 reais e R\$ 7.000,00 reais, com média de 1.200 reais (dois salários mínimos).

Traçar as representações desse grupo, por sua vez, exige alguns cuidados específicos de pesquisa, entre os quais: pensar o porquê se trabalhar com as representações de um grupo seletivo e qual a melhor forma de estruturação e visualização desses dados.

Em Sociologia, esse tipo de estudo teve início com Émile Durkheim, em uma abordagem teórica sobre os modos pelas quais as sociedades constroem e expressam a realidade coletiva, visto que estas, ao serem contextualizadas revelam valores e significados intrínsecos à noção de poder, “traduzem a maneira como o grupo se pensa nas relações com os objetos que o afetam” (DURKHEIM, 1978, p. 79). Assim, os modos pelas quais se criam mentalmente imagens da realidade externa não se reduzem ao processo de significação, pois englobam os interesses específicos de uma classe ou grupo, o que faz com que as representações sejam “maneiras de agir, pensar e sentir, exteriores ao indivíduo e dotadas de um poder coercitivo em virtude do qual se lhes impõe” (DURKHEIM, 1978, p. 88).

Weber (*apud* MINAYO, 1994) também demonstra-nos que as representações revelam a influência da coletividade na formação das ideias individuais. Para ele, “as ‘imagens mundiais’ que foram criadas pelas ideias determinam como manobreiros, as linhas ao longo das quais a ação foi impulsionada pela dinâmica dos interesses” (WEBER *apud* MINAYO, 1994, p. 94). De tal modo, é importante entendermos que as representações são configuradas em sociedades e radicadas dentro de interesses sociais,



culturais e econômicos de grupos. Logo, o estudo empírico das representações deixa-nos entender os significados políticos, morais e religiosos que agem em determinada sociedade (JODELET, 2001).

Desse modo, como afirma Jodelet (2001, p. 17), as representações são construções sociais sobre objetos e pessoas, de conteúdos imagéticos, caracteres simbólicos e significantes, congruentes a sensações de ideias, logo elas são construções das propriedades do pensamento autônomas e criativas “[...] sobre o mundo à nossa volta”.

Moscovici (2001) entende que as representações são construções mentais baseadas no senso comum. “Representando-se uma coisa ou uma noção, não produzimos unicamente nossas próprias ideias imagens: criamos e transmitimos um produto progressivamente elaborado em inúmeros lugares segundo regras variadas” (MOSCOVICI, 2001, p. 63). De tal modo, quando analisamos as representações estamos lidando com códigos, signos e significados que configuram um sistema de comunicação entre indivíduo e sociedade, permitindo-nos perceber as trocas simbólicas que ocorrem nas relações interpessoais e nos ambientes sociais.

Já para Chartier (1991, p. 166) as representações do mundo social são formulações mentais construídas por grupos com bases nas atitudes e vivências coletivas, e servem para “[...] identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Sendo para os pesquisadores meios para se captar as visões de mundo, de determinados agentes, em momentos históricos específicos.

Desse modo, a importância de se estudar as representações de um grupo está em podemos identificarmos mudanças nas práticas sociais, visto que elas são reflexos das experiências compartilhadas, conscientemente ou inconscientemente, que traçam nos indivíduos um estilo de vida, que nada mais é que dispositivos incorporados pelos sujeitos nos processos de sociabilização. Assim, em cada representação mapeada podemos compreender e refletir como o comportamento particular se inscreve em um contexto mais amplo, numa “consciência de si e dos outros” (CHARTIER, 1991, p. 166).

Portanto, a opção por trabalhar as representações construídas sobre a festa de Santa Rita consiste na construção “[...] uma passarela entre o mundo individual e social”, percebendo as práticas sociais que se operam no interior da sociedade (MOSCOVICI, 2001, p. 64).

É, pois, apropriando-nos desse arcabouço teórico-metodológico de representações, que interpretamos os dados coletados em nossa pesquisa.

REVISÃO DA LITERATURA

Antes de passarmos para a análise das memórias e identidades da festa de Santa Rita, é importante destacarmos algumas considerações acerca dos conceitos que adotamos no decorrer deste trabalho, que são provenientes da História, assim como de áreas afins, como da Sociologia e Filosofia.

Santa Rita de Cássia

Iniciamos essa reflexão reconstituindo brevemente a trajetória pessoal de Santa Rita de Cássia, personagem da tradição católica, que é quase desconhecida enquanto figura histórica. Isso, porque, fontes sobre sua vida são escassas, e, os trechos mais expressivo ao seu respeito estão no livro *Vita della beata Rita de Cascia dell'Ordine di Sant'Agostino*, de Cavaluci (2010). Alguns eclesiásticos concluem que este texto foi exagerado, por não ser uma descrição de um testemunho pessoal, mas sim à coleta de memórias variadas. Assim, esse criou uma mística a respeito da Santa, pois várias situações narradas são duvidosas (GUIMARÃES, 2000). Portanto, as provas sobre a história genuína de Santa Rita são tão frágeis que impossibilitam aos historiadores tentar analisar a mesma enquanto personagem histórica. Porém, muito mais significativo que Rita enquanto figura de verdade histórica está à forma como as narrativas sobre essa religiosa foram apropriadas, reproduzidas e memorizadas por diferentes sociedades, em tempo e espaços distintos.¹

Em geral, as biografias sobre Santa Rita são feitas por clérigos, e, conta-nos que esta tinha como nome de batismo Margherita Lotti, e que havia nascido no dia 22 de maio de 1381, na cidade de Roccaporena, Itália, em uma família de lavradores. Nesta época os pais de Rita tinham idade avançada,



sendo um “sinal maravilhoso”, que concedeu ao casal a oportunidade de terem uma criança já na velhice (ARIAS, 2005).

Conta-se que já na infância começou a se manifestar os primeiros sinais de santidade da italiana. Isso porque quando bebê “enquanto seus pais trabalhavam, surgiu um enxame de abelhas que envolveu a criança. Elas não picaram-na. Algumas entravam em sua boquinha, deixando nela mel adocicado”. Vendo aquela situação, um lavrador, que apresentava um corte na mão, temeu pela vida da criança, e, para que a mesma não fosse picada pelas abelhas, passou a mão ferida sobre o berço, imediatamente a ferida foi cicatrizada, num ato milagroso (ARIAS, 2005).

Crescendo em um ambiente católico, como a Itália, berço de Clara de Assis, primeira freira, Rita demonstrava desejos de seguir o celibato feminino. Mas, em obediência aos pais, ela deixou de lado esta vontade para viver o matrimônio com o um marido arranjado pela família, que era Paulo Ferdinando (CARVALHO, 1994).

Quando arranjou o casamento para Rita, os pais achavam que Ferdinando era um bom homem, mas, após o casamento ele se mostrou ser alguém cruel e violento, a ponto de agredir sua esposa. Rita, porém, como forma de lutar contra o marido orava constantemente para a conversão do mesmo, mantendo-se obediente e submissa. Dessa submissão conjugal nasceram os gêmeos: João Tiago e Paulo Maria (CARVALHO, 1994).

Após, uma vida de oração, Rita conseguiu converter seu esposo, que passou a ser um cristão exemplar, como afirma o historiador José Geraldo Carvalho, a sabedoria de Rita “[...] foi genial convertendo seu marido Paulo Ferdinando. Sua coragem foi olímpica suportando anos e anos de tortura, revelando paciência admirável ante um esposo cruel e principalmente, seu consorte” (CARVALHO, 1994, p. 5). Mas o marido de Rita tinha várias inimizades, sendo que o mesmo foi assassinado. Para vingar a morte do pai, os gêmeos, tramaram uma vingança. Era mais um sofrimento na vida da italiana, que diante disso, teve que temer a deus, para que seus filhos fossem levados antes que os mesmo se tornassem assassinos. Repentinamente, os filhos de Rita adoeceram e morreram.

Fernando, aquele marido cujo coração duro ela havia conseguido abrandar à força de lágrimas, trazendo-o à melhor vida, e que ultimamente amava-a como bom esposo, e com ela se esforçava cuidadoso pela felicidade dos filhos que o Senhor lhes concedera, acabava de morrer vítima da mais cruel vingança. Tão enorme desgraça deixou a triste viúva imersa na mais horrorosa desolação. Sem pais, sem esposo, via-se Rita sozinha no mundo para atender à educação dos filhos e às necessidades da vida. O presente submergia-a na dor, o futuro a intimidava, e sua condição de viúva aumentava as angústias de mãe. Os horrores daquela morte, que continuamente se apresentavam à sua memória, abatiam-na: ao lado da imagem da vítima, via sempre o fantasma do assassino. Embora magnânima e generosa, lutava consigo mesma horrivelmente; porém, discípula fidelíssima de Jesus crucificado, ouvia no seu interior uma voz que repetia as palavras do Mestre, pendente da cruz: Perdoa-aos, meu Pai, porque não sabem o que têm feito; e Rita, antepondo a tudo o exemplo do crucificado, não só perdoou aos assassinos, como orou também por eles, para que o Senhor não lhes tomasse em conta o crime cometido. Conserva-se a tradição, segundo fazem constar vários escritores, de que Rita, vendo em perigo a vida dos autores da morte de seu esposo, sobre os que o povo indignado queria por si mesmo fazer justiça, não só lhes concedeu o mais amplo perdão, como chegou a ocultá-los em sua própria casa, facilitando-lhes os meios para fugirem às pesquisas da justiça (CABEZA, 2010, p. 18).

Após ficar viúva ela foi aceita na ordem das irmãs agostiniana em Cássia – Itália - onde ganhou o nome de Rita. Em 1457 faleceu.

Não se sabe ao certo qual foi a doença que prostrou Rita no leito da morte. Dizem alguns que foi uma espécie de paralisia que aos poucos lhe fez perder as forças até ficar imóvel no seu leito paupérrimo, onde esteve durante quatro anos, com grande admiração dos que a assistiam ou aí chegavam para a consolar. A ferida da testa, que aumentava dia a dia, as dores que lhe ocasionava, todos os incômodos de uma doença tão prolongada e penosa, não conseguiram enfraquecer sua heróica e edificante resignação, conservando-a sempre de rosto tranqüilo, dando ainda graças ao Senhor que na sua amorosa Providencia se dignava purifica-la e dar-lhe ocasião de conseguir méritos, de que em sua humildade se julgava indigna (CABEZA, 2010, p. 41).



Após sua morte, a fama de Santa espalhou-se pelo ocidente. Seu processo de canonização se deu 453 anos após sua morte, 272 anos após sua beatificação. Três milagres aconteceram antes da canonização: Cura instantânea de Elisabet Bergamini de 7 anos; Cura de Cosme Pelegrini, com 70 anos (viu em sonhos Santa Rita e curou-se); Cura de uma religiosa Clara Isabel Garófalo, monja do mesmo convento de Santa Rita. Estava a religiosa acamada e ouviu a Santa dizendo-lhe: “levante-se!” Estes três milagres foram aprovados e assim a canonização de Rita ocorreu no dia 24 de maio de 1900, sendo o Papa Leão XIII quem incluiu Santa Rita de Cássia na lista de todos os santos da Igreja. No discurso proferido pelo Papa Leão XIII, em 24 de maio de 1900, após a cerimônia solene da canonização, ele teria dito: “Alegrai-vos, hoje, filhos de Santo Agostinho. Já vedes realizada a canonização mais solene dos tempos modernos. Imitai vossa Irmã: propagai sua devoção, levai-a ao seio de todas as famílias. Oh! que imitem a Santa Rita as mulheres de nosso tempo”.²

Desde então sua devoção foi crescendo entres os católicos, que passaram a dedicar-lhe anualmente no dia 22 de maio festas concorridíssimas, animadas com folguedos e folclore. Sendo essas festas locais de regionalizações das práticas culturais, em seus elementos que suportam as identidades dos grupos locais que a convivência nas situações das festas.

Conforme se observa, a vida de Santa Rita de Cássia foi marcada pela obediência, resignação e submissão. Sua história foi reproduzida e apropriada como parte da memória da população de Viçosa, onde a mesma se confunde com a história cidade.

Viçosa/MG

22 de maio, dia de ganhar indulgência plenária, visitando o Santuário de Santa Rita.
(*Mensagem Cristã*, 15 de abril de 1973)

Viçosa é uma cidade localizada na Zona da Mata de Minas Gerais, à aproximadamente 226 km da capital do Estado, Belo Horizonte, sua população conta com um número fixo de aproximadamente 72.244 habitantes e mais uma população flutuante de aproximadamente 20.000 pessoas (IBGE, 2012).

Inicialmente, a paragem foi povoada por povos tribais dos Botocudos e Puris. Posteriormente, por causa do declínio populacional nas vilas mineradoras, muitos aventureiros se dirigiram para as regiões situadas às margens do Caminho Novo, entre essas o entorno de um ribeirão de águas turvas, onde ergueram moradas improvisadas em pau-a-pique, cobertas de palhas, palmeiras ou sapé. Rapidamente estes pequenos aglomerados espalharam-se pelas encostas de morros, formando uma população numerosa (PANIAGO, 1990).

Sobre essa região, Padre Francisco José da Silva escreveu no ano de 1800 ao bispo de Mariana. Na correspondência ele pediu permissão para erguer uma capela em honra ao Passos de Nosso Senhor, pois havia na localidade um grande número de almas que descumpriam as obrigações religiosas devido às distâncias que os separaram da paróquia localizada na Freguesia do Rio Pombo. O bispo da época, Dom Frei Cipriano, autorizou a construção dessa capela, que anos depois não comportava mais a população, por isso, em 1813 foi construída uma igreja numa região plana que ficava próximo ao ribeirão que atravessava a paragem,

Em 1831, a região foi elevada a categoria de Vila do Rio Turvo, com território dividido entre o Patrimônio dos Passos de Nosso Senhor, Patrimônio da Igreja e o Patrimônio de São Francisco de Assis. Também foi criada nessa época a primeira igreja Matriz da região, que teve como pároco Padre José Bonifácio de Souza Barrados. Anos mais tarde, em 1876, a região foi elevada a condição de cidade por autorização de Dom Pedro II, com nome de Viçosa, de modo a homenagear ao bispo de Mariana: Dom Antônio Ferreira Viçoso (TRINDADE, 1928).

Na pequena cidade houve poucas modificações no espaço durante os primeiros anos. Essas só ocorreram entre 1920 e 1940, por causa da crise do café que atingia a Zona da Mata. Como solução para a mesma, o então presidente Arthur Bernardes intermediou apontando como solução a criação de uma escola agrícola na cidade de Viçosa, que anos mais tarde se tornou a famosa Universidade Federal de Viçosa. Sendo a mesma principal polo atrativo de movimentos migratórios que recebe a cidade, seja de pessoas atraídas pela educação ou por possibilidades de trabalhos (TRINDADE, 1928).



Na cidade, a atuação do Clero é exclusivamente Secular, tendo como administração episcopal a Arquidiocese de Mariana. Durante o mês de maio, a cada ano os religiosos que atuam na região unem-se a diversos grupos sociais, de objetos contraditórios e convergentes, para mobilizarem recursos materiais e simbólicos para materializar as festas litúrgicas de Santa Rita de Cássia, um momento de manifestação de uma “imagem áudio-visual viçosense”.

As Festas

Em véspera dos dias 22 de maio, esta população se reúne em festas, sempre marcadas por procissões cheias de alegorias e fogos de artifícios. Os cortejos à mesma tomam as ruas da cidade, sempre sendo acompanhados pelo clero secular e religioso, autoridades civis e políticas, corais e orquestra e por pessoas das mais variadas condições financeiras.

Conforme estudos de Lanna (1995, p. 193), as festas dos padroeiros são importantes na rotina das sociedades brasileiras, pois “as festas dos santos padroeiros são um rito de inversão, um momento de liminaridade periódica, de oposição à vida diária, um carnaval com o Santo”. Valeri (1979, p. 95), por sua vez, afirma que as festas religiosas são uma dimensão universal e transcultural, pois:

As festas são caracterizadas por uma solidariedade social mais intensa, que se manifesta por atividades regulares. As festas podem se opor à sociedade ‘normal’ ou, ao contrário, representá-la numa forma sintética e ideal, fazendo-a mais facilmente perceptível como uma totalidade.

Tendo isto em vista, nesse trabalho entendemos as festas de Santa Rita como um fenômeno temporal, localizado em um contexto de uma dada realidade de um grupo. Tais práticas foram usadas para analisar as memórias da cidade, já que esta reúne as mais variadas pessoas, em torno da padroeira. Para isso, adotou-se o método etnográfico (observar e descrever a festa, no qual o olhar, o ouvir e o escrever proporcionam o encontro entre os saberes teóricos e práticos) e a realização de entrevistas com devotas da Santa, que têm o nome Rita de Cássia³ (feito por meio de questionários e termo de consentimentos das mesmas). Para manusearmos esse material, usamos a noção de memória, que, segundo Revel (1998, p. 21), deve ser entendida como um “[...] fio de um destino particular e com ele se inscrever”. Com essa perspectiva analisamos as festas da Santa, nos quais procuramos refletir sobre as diferentes construções narradas, os diferentes elementos utilizados que servem para delinear a História, memória e identidade de Viçosa.

Conforme o Inventário de proteção do acervo cultural – Patrimônio imaterial: Festa de Santa Rita (VIÇOSA, 2008) –, a devoção a Santa remontam ao período colonial, quando na pequena povoação as margens do rio Turvo, na Zona da Mata mineira, alguns anos após a posse de D. F. Cipriano de São José como governador do Bispado de Mariana (1797-1817), os moradores sentiram a necessidade de iniciar uma comemoração a Santa. Com a justificativa de ser longe a matriz do Pomba, freguesia a qual o arraial pertencia, os moradores ergueram uma ermida em honra aquela que é considerada Santa dos impossíveis. Ali mesmo, na localidade que mais tarde se tornou Viçosa (a partir de 1876), a italiana se tornou padroeira, sendo homenageada desde então (VIÇOSA, 2008).

Por se tratar de um momento importante no calendário festivo-religioso da cidade, a festa de Santa Rita, nos revela o passado histórico da população viçosense. Pois, a cada realização há a atualização da tradição nas manifestações religiosas, que possuem um caráter popular, marcado por missas e procissões pomposas, com percepção de sons, imagens, odores, recepção de estigma, faustos, repletos de místicas e credences, ligados aos costumes de externalização da fé (ABREU, 1999). Esta atualização acontece nos momentos de encontros entre pessoas de condições sociais diversas e entre deferentes significados em torno dos “cortejos” a Santa, revelando os traços do cotidiano desta população.

As festas de Santa Rita seguem, em geral, uma programação que aparenta ser padrão: nos nove dias que a antecedem o dia da padroeira são propostos reflexões em famílias, na qual a população relembra a vida da Santa e dos valores Católicos. Já no dia 22 de maio, às 06:00h, há uma alvorada, às 10:00h a famosa missa das rosas, sempre celebrada por vários padres na presença do bispo de Mariana, às 16:00h a procissão da Santa pelas ruas de Viçosa, após recepção e missa festiva.



As memórias sobre a festa são tantas, que aqui, tivemos que optarmos por avaliar a festa a partir do ano de 1970, porque nesta data circulava em Viçosa um periódico paroquial bimestral chamado de *Mensagem Cristã*. Neste pudemos analisar os relatos da festa da padroeira, como, por exemplo, em 1978:

Na chegada da procissão apagaram-se as luzes da praça, literalmente tomada, que foi iluminada por milhares de fogos de artifícios e avivada por estrepitosa saudações a padroeira, O amor a padroeira arrancou lágrimas do pregador, o Reverendo Padre Francisco Barroso, da paróquia de N. S. Da Conceição de Ouro Preto (VIÇOSA, 1978).

Neste ano, a festa de Santa Rita contou com vários números de apresentações artísticas durante todo o dia, que foram realizadas pela Nona estação da Polícia Militar de Barbacena. Para o cortejo da Santa houve a presença dos seminaristas de Belém do Pará e de nove sacerdotes que acompanharam o andor artisticamente ornado pelos irmãos Gomes Silva. O sermão de recepção da imagem foi feito pelo cônego Padre Paulo Dilascio. As despesas foram custeadas pelo Reitor da Universidade Federal de Viçosa, o Professor Paulo Del Giúdes.

A festa se deu da seguinte forma, as 17:30 h/s, houve a “piedosa procissão das rosas” e após esta uma missa festiva, celebrada pelos nove padres. O sermão da missa foi proferido pelo pároco da igreja matriz de Ouro Preto, o Reverendo Padre Francisco Barroso, que se emocionou com o público fiel, que cantava o hino de Santa Rita, enquanto a imagem da Santa era erguida por um cabo de aço até a longa torre da igreja matriz, com as luzes do pátio da Igreja apagadas, sendo iluminada apenas pelos fogos de bengalas, que tomaram o prédio da igreja.

Esta cena se repetiu durante muitos anos. Em 1981, o programa da festa anunciava a tão esperada chuva de fogos de bengalas. Naquele ano os preparativos para festa foram feitas por novena, onde foram tratados assuntos sobre a família que deveriam ter na Santa o modelo. Durante a novena e na festa foram distribuídas 20 mil partícula, encomendadas pelo vigário Padre Carlos Baeta Braga em Mariana (VIÇOSA, 1981). Comemorava-se na ocasião 600 anos de vida da Santa, por isso, o andor da festa foi um gigantesco bolo de aniversário com o numero 600 encimado por uma velinha, na qual a Santa foi posta. Quando o andor chegou ao pátio da igreja às luzes foram apagadas e “[...] tudo foi iluminado por chuva de fogo de artifícios” (VIÇOSA, 1981).

No ano de 1992, o periódico paroquial *Mensagem Cristã* anunciava a festa com um pedido de colaboração para a reforma da igreja: “Seja generoso e Santa Rita não o deixara em falta”, foi o lema (VIÇOSA, 1992). Já no ano de 1999, a morte do vigário Padre Carlos Baeta Braga no dia 6 de maio, ou seja, em vésperas da festa, ameaçou a pompa das festividades. No entanto, como desejava o próprio Padre Carlos à festa não poderia parar. Por isso, duas semanas após o falecimento de pároco, provisoriamente assumia a paróquia o Padre Leocardio, que reuniu para festa o bispado de Mariana, de Juiz de Fora, Belo Horizonte e Bahia, para prestar homenagens à Santa e ao saudoso Padre, que teve a mais longa administração do Santuário, quase 50 anos. Padre Carlos se tornou uma das figuras lendárias da história da cidade de Viçosa (VIÇOSA, 1999).

Após a morte de Padre Carlos, a festa passou por algumas transformações, mas manteve-se a essência que é a procissão da Santa pelas ruas da cidade, a presença de vários padres, autoridades civis, religiosos, cavalgadas, procissão motorizada, leilões e as famosas barraquinhas de comidas no pátio da igreja.

RESULTADOS

Se a esperança se apagou, se a alma segue aflita, pede logo a proteção de Santa Rita. Se não há mais solução pra essa dor que o peito habita, pede logo a proteção de Santa Rita. (Kau Batalha, 2001).

Em 2010, o programa de rádio “momento de fé”, da Rádio Montanhese, transmitia após as palavras do pároco da Igreja Matriz de Viçosa, Padre Paulo Dionê Quintão, a música de Kau Batalha, na qual o autor caracteriza Santa Rita de Cássia, como “esposa e mãe tão sofredora”. Ao longo dos anos, parecem ser estas as características marcantes da história de vida da italiana medieval Margherita Lotti. Tanto que Raquel Lima (2006) fez um estudo em que analisou como essas características



foram usadas como forma de dominação do masculino. Segundo essa pesquisadora Santa Rita é um discurso que serve nas práticas conjugais para legitimar a mulher como submissa. Para além de uma visão de gênero, aqui, procuramos observar como a história de Rita de Cássia ultrapassou os tempos e chegou a nós não como figura histórica, mas, como parte de uma memória coletiva que promove identidade e suscitam relações sociais.

Para os viçosenses, Santa Rita de Cássia é mais do que uma figura histórica, é uma amiga diária, por isso os mesmos não temem em pedir a proteção da Santa nos vários momentos. A intimidade dessa população com a padroeira é tão grande, que diariamente uma grande imagem posicionada na entrada da igreja central da cidade recebe a visita de vários fiéis, que em gestos de intimidades conversão com a Santa, beijão a mesma, contam a ela seus segredos, depositam presentes aos pés da imagem, e, para que Santa Rita não se esqueçam de seus amigos, eles deixam aos pés da mesma suas fotos. Em geral são fotos três por quatro, dessas que se usam em identidades e que ficam lá expondo os rostos daqueles que se identificam com Rita de Cássia.

“Ritinha, ah! é minha amiga, a quem conto tudo [...] nem precisa né, ela sabe tudo! Mas, faço questão de falar com ela do que faço. Ela me aconselha e sempre é coisa boa”. Declara Rita de Cássia, fiel da Santa, de 44 anos de idade, funcionária pública da Universidade Federal de Viçosa. Casada, mãe de dois filhos.⁴ Assim, como essa, muitas pessoas diariamente chegam ao santuário Santa Rita de Cássia, localizado na Praça Silviano Brandão, para conversar e se confessar com imagem. É como se aquela que esta num oratório de vidro estivesse ouvindo cada um e respondendo. Alguns chegam até sussurrarem aos pés da Santa, como se estivessem de segredinhos.

Portanto, Santa Rita de Cássia deve ser aqui entendido como uma expressão da memória, um símbolo e signo da fé. Alguém que tem papel fundamental na devoção viçosense e na construção da identidade desse povo. Como o conceito de identidade é amplo é preciso esclarecer que neste trabalho quando usamos este, estamos nos referindo aos aspectos históricos que levaram a definição de características que permitem diferenciar pessoas, animais e objetos, etc, agrupando-os ou os distanciando.

Neste sentido, Hall (1999) nos ajuda a pensar como a noção de identidade é uma construção sócio-histórica, que está ligada ao contexto, por isso ele localiza as raízes epistemológicas deste termo em três momentos distintos, em três tempos e espaços diferentes. De acordo com Hall, pode-se considerar que os homens ao longo da construção de si enquanto sujeito histórico percorreu três formas de se conceber a identidades, que, em resumo são: o sujeito do iluminismo, cuja identidade era fixa, baseado numa concepção de pessoa humana centrada, unificada, dotada das capacidades de razão. Posterior a esta, emergiu a noção de sujeito sociológico, que refletia e crescia na interação com o meio, numa noção de que o núcleo interior do sujeito não é autônomo e autossuficiente, mas formado na relação com o meio, pois, e na interação com as outras pessoas que o sujeito modifica o seu núcleo essencial. Por fim, Hall, observa que vivemos em um momento de crise das identidades, que o sujeito não tem mais uma identidade unificada e estável, mas vive hoje em meio a várias identidades, percorrer as várias, numa noção do sujeito fragmentado, numa ideia de que o sujeito não tem uma única identidade, mas muitas, algumas delas até mesmo contraditórias (HALL, 1999).

Aqui devemos levar em consideração como a devoção a Santa Rita é uma importante marca dos indivíduos de Viçosa. Estes podem não saberem quem foi Rita de Cássia, mas, por morarem nessa região são tidos como fiéis da mesma. Ao ponto de no dia 22 de maio ter suas rotinas modificadas em razão dos cortejos a padroeiras.

A identidade é um fato social, frutos de processos socioculturais e históricos, que aproxima as relações humanas. Nesta a devoção a Santa Rita tem uma função de revigoramento dos grupos sociais, com a valorização da identidade local e das especificidades históricas. Exercendo função de valorização da cultura local, emitindo símbolos de pertencimentos. Em um país de raízes profundamente católicas, a representação de Santos chega mais próximo ao imaginário popular, tornando legítimo as diferença sociais.

Em nosso trabalho entrevistamos 28 mulheres de nome Rita de Cássia, quase todas naturais da cidade de Viçosa. Em geral elas acreditam que o nome foi escolhido em honra a Santa. Somente uma não vê tal ligação. No entanto esta afirma que o nome é tradição de família, sua mãe e avó chamam-se Rita, ironicamente naturais da cidade.



Das mulheres entrevistadas, a história do nome de algumas nos chama a atenção, entre elas está Rita de Cássia, residente em Viçosa, que frequentara a Igreja Matriz da cidade desde seus três anos de idade. Ela é natural da cidade de Belo Horizonte, mas seus pais são naturais da cidade. Seu nome seria Priscila, mas devido os problemas na hora do parto sua mãe prometeu a Santa que daria a filha o nome de Rita de Cássia caso corresse tudo bem. Por receber o nome da Santa ela passou a prestar homenagens a ela, acompanhando até hoje os cortejos do dia 22 de maio, sempre se emocionando com as músicas e manifestação em Viçosa. Ela relata,

Bom eu ia me chamar Priscila. Mas, em véspera de meu nascimento, minha mãe sentiu fortes dores e a bolsa arrebentou. No hospital, os médicos temiam pela morte de mim e de minha mãe. Foi quando mamãe prometeu se eu nascesse com vida eu iria chamar Rita de Cássia e que eu iria me vestir de Santa Rita para a procissão. Por isso, todos os anos, desde que eu tinha três anos venho para acompanhar a procissão. É muito bom!⁵

Observamos também que das mulheres entrevistadas, um número significativo delas não tiveram sorte no amor, grande parte são solteiras, divorciadas e somente duas casada. Algumas delas relataram que não tinham sorte na vida amorosa porque “a santa não abençoa o matrimônio”. Algumas mulheres solteiras chegaram a relatar que suas mães falavam que quem reza para Santa Rita não casa-se, porque a Santa não foi feliz no casamento.

Uma das divorciadas atribui a santa um milagre pela sua separação. Rita de Cássia, natural de Porto Firme, relata-nos que quando seu marido foi embora, ela teve a oportunidade de voltar a estudar e cuidar dos filhos. Ela afirma que:

Sou muito devota de Santa Rita. Nossa! Ela me ajuda de mais. Desde que meu marido foi embora, com outra pra São Paulo, ela tem me dado força pra criar meus filhos. Nem sei que seria de mim sem ela. Quando [nome do marido] estava comigo, ele bebia, me batia e nas crianças também. Mas, rezei a Santa Rita e ela fez um grande milagre, levou o traste embora. Depois disso, pude estudar e com Santa Rita criei meus filhos. Hoje minha filha tá na universidade, graças a Santa Rita. Santa Rita é 100%.⁶

Já nas praticas de devoção, observamos como em Viçosa vestir-se de Santa Rita torna-se uma forma de agradecer o alcance de milagres. Em geral as mães fazem promessas à Santa e como forma de agradecimento as filhas se vestem de Rita e acompanham os cortejos do dia 22 de maio pelas ruas da cidade. Descalço as mulheres, mais velhas, mantém a tradição, que é repassada para as filha. Em uma de nossas entrevistas tal prática fica clara: Rita de Cássia, moradora na Rua Santana, do bairro Centro, em Viçosa, conforme a promessa de sua mãe vestiu-se de Rita durante um longo período de sua vida, atualmente é a sua irmã mais nova que faz as suas vezes.⁷

Agradecer pelos milagres faz parte das rotinas dos que vão à procissão, até mesmo daqueles que não são da cidade. Há também relatos de pessoas que conheceram a cidade por causa da Santa. É o caso de Rita Maria, natural do norte mineiro, que recebeu o nome porque o pai queria homenagear uma tia. No entanto, apesar de ter crescido na igreja evangélica de sua cidade, a Santa que tinha o mesmo nome que ela, mais tarde fez parte de sua história de vida, fazendo com que esta senhora se identifique com a Santa, como ela fala,

Eu era evangélica, desde criança. Eu era da Assembleia de Deus. Mas, em 2002, meu filho sofreu um acidente de moto e foi levado para BH. No hospital tinham uma imagem da Santa sobre a cabeceira da cama, ele me perguntou quem era aquela mulher. Eu não sabia quem era. Só depois que procurei saber quem era e descobri que ela era uma mulher sofredora que tinha perdido os filhos. Bom, meu filho morreu. Sinto que se soubesse quem era aquela mulher ele estaria aqui comigo, pois ela teria intercedido a Deus. Foi aí que me apeguei a Santa e procurei saber tudo sobre ela. Hoje eu venho todo ano a Viçosa, não é uma viagem tão longa, pois moro aqui perto, em Cataguases, mas, quando chego aqui, sinto que Santa Rita me consola das minhas dores. Quando chego aqui lembro do meu filho, mas sei que hoje ele esta melhor, pois Santa Rita cuida dele pra mim.⁸

Vemos aqui um discurso simbólico de identificação de uma mãe como Rita de Cássia. Assim, como a monja a mulher perdeu um filho, desde então compartilha com ela suas “dores”. Portanto,



várias questões particulares unem as pessoas em torno da devoção a Santa. São, certamente, tais trajetórias diversas que desperta a popularidade de Rita de Cássia entre os católicos.

Assim como essas mulheres, muitos outros relatos nos permitem evidenciar que na cidade de Viçosa há uma interface entre a devoção à Santa Rita e uma identidade social. Neste sentido ser viçosense é sinônimo de devoção a Santa. Independente das pessoas serem ou não devoto da italiana, estes são marcados pelos estigmas da monja, pois, basta observarmos que na cidade convivemos com as referências sobre a Santa nos espaços públicos e privados. Várias são as imagens da Santa espalhadas na cidade. Há sempre imagens dela nos estabelecimentos públicos e privados, além de alguns que recebem seu nome, como: Padarias, Lojas, Escola, Açougues e Farmácias. Tudo em Viçosa parece que é feito para Santa Rita, temos até que convivemos como as várias Rita de Cássia.

Também podemos observar a influência de Santa Rita na cultura de Viçosa, nas ruas, no dia de festas, nas quais as famílias se reúnem para acompanhar e esperar a passagem da alegoria. Nestas homenagens há um ritual de se vestir-se de Rita. São várias mulheres que andam pela cidade com as roupas iguais a da monja, senhora e crianças, um ritual onde Rita é a figura importante que une o público e o privado em Viçosa.

Desse modo, estão corretas as perspectivas do historiador Sérgio Buarque de Holanda, que afirmou que não é possível “a clara inteligência de numerosas questões de história do Brasil sem a exploração prévia e isenta de nossa história eclesiástica” pois, nosso país, como os demais do ocidente é alicerçado nos projetos catequéticos de padres, freiras e dos demais membros da hierarquia eclesiástica. Assim, para compreendermos a realidade que nos cerca é necessário pensar como a Igreja Católica se reproduz materialmente e simbolicamente (CARRATO, 1963).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa mostra-nos que as homenagens prestadas à Rita de Cássia, na cidade mineira de Viçosa, é um exemplo de práticas em que a Igreja se reproduz a sua influência social. Esta reúne as pessoas em festas, marcadas por missas celebradas por vários padres, músicas, danças, procissões cheias de alegorias e fogos de artifício. Os “cortejos” a Santa tomam as ruas, unindo autoridades civis e políticas, corais, orquestras e pessoas das mais diversas condições financeiras.

A travessia da alegoria, que conduz a Santa, sempre emociona os fiéis, que em meios às velas e os cantos se esquecem das amarguras do dia-dia. A vida da Santa, que é recontada, torna-se modelo para as mães, esposas e filhas. Nem mesmo a morte do vigário Padre Carlos Baeta Braga, em vésperas da festa, fez com que as famosas chuvas de fogos, fossem interrompidas. Sendo indício que no interior das Minas Gerais, as práticas externar a fé se mantém como traça da tradição.

Notas

- 1 Um exemplo disso é como a vida da Santa ganhou relevância na historiografia. Tanto que Lima (2006) fez sua dissertação de mestrado pensando a trajetória da italiana.
- 2 Disponível em: <www.netmogi.com.br/roberto/srita/rita.htm>. Acesso em: 05 maio 2003.
- 3 A exceção foi Rita Maria. Uma devota que quando soubemos que estávamos fazendo a pesquisa se dispôs a relatar sua devoção.
- 4 Entrevista feita em Viçosa, no dia 20 de maio de 2010, à Rita de Cássia, natural de Viçosa e residente na cidade, casada de 44 anos, funcionária pública.
- 5 Entrevista feita em Viçosa, no dia 22 de maio de 2010, à Rita de Cássia, natural de Belo Horizonte e residente na cidade na Rua Santana, solteira, 27 anos, estudante.
- 6 Entrevista feita em Viçosa, no dia 22 de maio de 2010, à Rita de Cássia, natural de Porto Firme e residente em Porto Firme, separada, 55 anos, doméstica.
- 7 Entrevista feita em Viçosa, no dia 22 de maio de 2010, à Rita de Cássia, natural de Viçosa e residente na cidade. Casada, 15 anos, estudante.
- 8 Viçosa. Entrevista feita em Viçosa, no dia 22 de maio de 2010, à Rita de Maria, natural de Januária e residente em Cataguase, casada, 54 anos, comerciante.



Referências

- ABREU, Martha. *O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- ARIAS, Juan. *Rita, a Santa do impossível*. Tradução de Olga Sarary. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- ARQUIVO privado da Paróquia de Santa Rita de Cássia
- ARQUIVO privado do Cônego José Geraldo Vidigal Carvalho (C.J.G)
- BATALHA, Kau. *Santa Rita de Cássia vida, música e oração*. Paulinas. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Faixa 2.
- CABEZA, José. *Vida de Santa Rita de Cássia*. Disponível em: < http://www.salverainha.com.br/downloads/Santa_Rita_de_Cassia.pdf>. Acesso em: 07 março. 2010,
- CÂNDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: CÂNDIDO, Antonio [et al.]. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. Pp. 13-23.
- CARRATO, J. F. *As Minas Gerais e os primórdios do Caraça*. São Paulo: Nacional, 1963.
- CARVALHO, José Geraldo Vidigal. *Temas de história da Igreja no Brasil*. Viçosa: Folha da Mata, 1994.
- CAVALUCI, Agostino. Vita della beata Rita de Cascia dell'Ordine di Sant'Agostino. In: *Documentos Católicos*. Disponível em: < http://www.documenta-catholica.eu/d_Cabezas%20JR%20%20Vida%20de%20Santa%20Rita%20de%20C%C3%A1ssia%20-%20PT.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2010.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.
- DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1978
- FOLHA DA MATA. Viçosa/MG, 03/06/1999.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- GUIMARÃES, Ariane. *O livro dos Santos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.
- IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/>>. Acesso em: 07 mar. 2010.
- JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). *As representações sociais*. Tradução Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17-44.
- LANNA, Marcos P. D. *A dívida divina: troca e patronagem no nordeste brasileiro*. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1995.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV.2006, p. 174, p. 167-182.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Saudades do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- LIMA, Raquel dos Santos Souza. "Oh! Que imitem a Santa Rita de Cássia!" As mulheres de nosso tempo: representações e práticas da devoção em Viçosa (MG), 2003-2006, 2006. 160f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2006.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.) *Fontes Históricas*. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153.
- MALINOWSKII, Bronislaw. *Os argonautas do pacífico ocidental*. São Paulo: Abril (Coleção Os Pensadores), 1976.
- MENESES, Ulpiano Bezerra de. Fontes textuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, n. 45, 2003, p. 11-36.
- MENSAGEM CRISTÁ: jornal paroquial da Igreja Santa Rita, Viçosa/MG, p. 3, 04/1992.



- MENSAGEM CRISTÃ: jornal paroquial da Igreja Santa Rita, Viçosa/MG, 09/1978.
- MENSAGEM CRISTÃ: jornal paroquial da Igreja Santa Rita, Viçosa/MG, 04/1981.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI; JOVCHELOVITH (Orgs.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MOSCOVICI, Serge. Das Representações Coletivas às Representações Sociais: Elementos para Uma História. In: JODELET, Denise (Org.). *As representações sociais*. Tradução de Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EDUERJ. 2001
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC-SP. N° 10, 1993.
- O SEMEANDO: jornal paroquial mensal da Paróquia Santa Rita, Viçosa/MG, 03/05/2009.
- PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. *Viçosa – mudanças sócio-culturais; evolução histórica e tendências*. Viçosa: UFV, Imprensa Universitária, 1990.
- PEIRANO, Mariza G. S. A Análise Antropológica de Rituais. Brasília: CESPE/UnB, 2000
- QUINTÃO, Joaquim. *Rita estigmatizada: estrela fulgurante de Viçosa*. Viçosa: Editora Fácil, 2000.
- REVEL, Jacques. “Microanálise e construção do social”. In: Jacques Revel (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998.
- TRINDADE, Cônego Raymundo. *Archidiocese de Marianna: subsídios para a sua história*. Tomo III. São Paulo: Alameda Barão de Piracicaba, 1928.
- VALERI, Valério. Festa. In: *Enciclopédia*, VI. Turim: Ed. Einaudi, 1979.
- VIÇOSA. Arquivo Privado do Cônego José Geraldo Vidigal Carvalho. *Mensagem Crista – junho de 1981*. Jornal paroquial de Viçosa, 1981.
- VIÇOSA. Arquivo Privado do Cônego José Geraldo Vidigal Carvalho. *Mensagem Crista – abril de 1992*. Jornal paroquial de Viçosa, 1992.
- VIÇOSA. Arquivo Privado da Igreja Santa Rita de Cássia. Folha da Mata, maio de 1999. Caixa temas festa.
- VIÇOSA. Secretaria da Cultura, Esporte, Lazer e Patrimônio. *Inventário de proteção do acervo cultural – Patrimônio imaterial: Festa de Santa Rita*. Viçosa, 2008.

